



Temos uma Banca mais forte. E cumpre o seu papel?



**Manuel
Reis Campos**

Presidente
da AICCOPN
— Associação
dos Industriais da
Construção Civil
e Obras Públicas

De acordo com os últimos dados do Banco de Portugal, relativos ao passado mês de julho, o crédito total concedido pela Banca às empresas registava uma redução, em termos homólogos, de 3%. Em particular, o crédito concedido às empresas de construção e imobiliário reduzia-se 9,3% e situou-se, pela primeira vez, desde o longínquo mês de outubro do ano 2000, abaixo dos 17 mil milhões de euros. Ou seja, numa altura em que tanto se fala de reabilitação urbana, da necessidade de aumentar a oferta de habitação para as famílias ou de criar um verdadeiro mercado do arrendamento, o tecido empresarial do Setor detém um nível de financiamento bancário que é o menor dos últimos 19 anos.

É certo que, hoje, no mercado imobiliário, as empresas do Setor dependem menos da Banca. Tal deve-se a um grande esforço levado a cabo pelos empresários para diversificar as fontes de financiamento, num contexto favorável ao que o investimento nacional e estrangeiro, impulsionado pelas baixas taxas de juro e a fraca atratividade dos produtos oferecidos pelos bancos, a que se junta o posicionamento competitivo do nosso País à escala internacional. Recordo que, apesar desta evolução negativa do crédito, o licenciamento de obras cresce, de forma significativa, desde 2016.

Porém, é irrealista, e mesmo irresponsável, ignorar o papel da Banca na economia. A competitividade do tecido empresarial e, consequentemente, o emprego, dependem diretamente das condições de financiamento e, nesse domínio, ainda há um longo caminho a percorrer.

De acordo com o Banco de Portugal, entre 2007 e 2018, o Estado português injetou 23,8 mil milhões em ajudas aos bancos. Curiosamente, é um valor similar

aquele que se estima serem as necessidades mais prementes em matéria de reabilitação de todo o parque habitacional português. Nesse mesmo período, a redução de crédito ao Setor foi de 18 mil milhões de euros, ou seja, três quartos desse montante. Hoje temos uma Banca que, consensualmente, se reconhece ser mais sólida e melhor preparada. Mas teremos uma Banca capaz de trabalhar, em conjunto com as empresas, financiando de forma competitiva, as necessidades de tesouraria e os projetos de investimento?

A verdade é que, muito se fala dos milhões emprestados aos bancos, das multas da Autoridade da Concorrência ou do papel do banco público na economia. São matérias importantes, e que não podem ser esquecidas. Mas, por outro lado, pouco ou nada se diz acerca da dificuldade e do custo para as empresas que hoje, ainda representa, aceder a um empréstimo para um investimento produtivo. Ou das garantias excessivas que são exigidas aos empresários que querem criar postos de trabalho e gerar valor acrescentado.

Estão a ser implementadas algumas medidas para incentivar a diversificação das fontes de financiamento e os bancos começam a apresentar algumas soluções orientadas para domínios que eram ignorados no passado, como a reabilitação urbana. Mas é necessário fazer mais e melhor no que diz respeito ao tecido empresarial.

Com o apoio do Estado e dos Contribuintes a Banca, felizmente, já está noutro patamar. A política monetária do Banco Central Europeu permanece muito favorável. Quando é que as empresas vão começar a aceder a níveis de financiamento adequados?